

**Deponente:** Eleonora de Oliveira Menicucci

**Entrevistadora:** Maria Céres Pimenta Spínola Castro.

**Data:** 29 de junho de 2017

**MARIA CÉRES:** Bom dia, boa tarde. Eu sou Maria Céres Pimenta Spínola Castro, sou membro da Comissão da Verdade em Minas Gerais. Hoje é dia 29 de junho de 2017, estamos aqui com a Professora Maria Lisboa e a Fernanda, assistindo a oitiva com a Eleonora Menicucci, que vai nos relatar nessa oitiva a sua vida de militante política, né, ativista na luta contra a Ditadura, e ela vai fazer esse depoimento da forma que ela considera mais adequada, a gente só espera que ela detalhe especialmente as questões do movimento estudantil em que ela participou aqui, mas ela tem a liberdade de fazer o depoimento da forma como ela quiser.

**ELEONORA MENICUCCI:** Bem, boa tarde. Boa tarde Maria Céres, a Maria Lisboa, a Fernanda, e a todos os membros desta importante Comissão da Memória e da Verdade do meu estado natal, que é Minas Gerais. Eu fico bastante emocionada e muito orgulhosa de estar aqui fazendo esse depoimento. Emocionada porque foi aqui em Belo Horizonte que eu coloquei em prática tudo que eu acreditava, e daqui eu ganhei o mundo. Eu dizia para a Maria Céres que eu já dei depoimento em Comissões da Verdade, na nacional, na de São Paulo, municipal e estadual, na da Unifesp, onde eu sou professora hoje, Universidade Federal de São Paulo, da Universidade Federal da Paraíba, onde eu fui professora, na da Paraíba, na do Rio de Janeiro, e eu não tinha ainda tido oportunidade de fazer um depoimento aqui, né. Dei, há um mês e meio atrás, com vários outros companheiros, em uma audiência pública. Eu sou Eleonora Menicucci de Oliveira, conhecida por Eleonora Menicucci. Eu atualmente tenho 72 anos, sou professora titular da área de saúde coletiva da Universidade Federal de São Paulo e hoje volto para São Paulo, depois de estar 6 anos como ministra de política para as mulheres do governo Dilma Roussef, que muito me orgulha, eu volto para a universidade como professora sênior. Eu comecei minha vida política, e pra mim essa que conta, fundamentalmente, aqui em Belo Horizonte. Eu sou de Lavras, no Sul de Minas, nasci em 21 de agosto de 1944, e eu sou filha de famílias de classe média alta de Minas Gerais, de Lavras. Pelo lado da mãe, que é Menicucci, uma família política, que era do então PSD, Tancredo Neves, Juscelino e... Enfim, e de uma família paterna que não tinha envolvimento com política, muito. E desde pequena eu tive sempre um,

eu questionava duas coisas: primeiro, por que o mundo era tão desigual? Eu não entendia isso. E segundo: porque que a minha família materna era uma família de muitas mulheres, e só de mulheres muito poderosas. Minha vó, minha mãe e minhas quatro irmãs, e tias, e todas muito poderosas. Eu perdi o pai muito cedo, com 11 anos de idade, e minha mãe, com cinco filhas, com 38 anos teve que ir para o trabalho. E aí eu descobri, e realmente, que a vida não era tão fácil assim, que éramos de uma família de classe média alta em Lavras, porém com desigualdades sociais e econômicas dentro da família muito grande, dos oito irmãos da minha mãe. E foi aí que eu comecei como jovem, bem jovem, a me envolver com a política. E que política era essa? Era aquela política que hoje nós entendemos como a rebeldia da adolescência. Então eu questionava tudo, tudo, tudo, tudo e por tudo, né. Por que era assim? Por que não podia fazer assim? Por que que eu tinha que namorar, casar, noivar e tudo? E por que que eu tinha que seguir toda a historinha na minha família, que era política do PSD, do Juscelino, do Tancredo, ser deputada, ser vereadora, ser isso...? Eu queria aquilo. E aí, realmente, como toda menina do interior, naquela época eu me rebelei e fui por caminhos muito rebeldes, né, rebeldes de questionar na adolescência. Namorei muito cedo, e comecei a militar em núcleos estudantis daquela época, e eu era secundarista e trabalhava e militava, entre aspas, lá em Lavras junto com os colegas mais velhos, né, da Escola de Agronomia de Lavras, até que em 63 a minha vó, em 55 eu perco o pai e nós mudamos de Varginha para Lavras e lá em Lavras nós fomos morar com a minha vó materna. Era uma quantidade de mulheres fortes numa mesma casa, então eu me, realmente não entendia, mas eu depois entendi porque que eu sou feminista, né, aquelas mulheres muito fortes no cotidiano, né. E em 63 a minha vó materna, que nos acolheu por ocasião da morte do meu pai, faleceu e eu me formei no famoso curso normal para professoras e não quis ficar em Lavras mais. Entre aspas, eu já era considerada uma menina mal falada, porque eu não seguia os trâmites, né, do que deveria seguir uma menina de classe média alta daquela cidade. E aliás, muito alta. Minha mãe que não era de classe média alta, mas a minha toda família era, os Menicucci. Eu vim para Belo Horizonte morar com um casal de tios e aí estoura o Golpe, em 64. E eu, nessa história, eu já tinha uma militância secundarista muito grande, e entrei para a Universidade, para o curso de Ciências Sociais, na UFMG, aqui. E, imediatamente, no próprio vestibular, que era vestibular de prova oral, de, de... Discussão, e era pré-golpe, o vestibular em fevereiro, o golpe se deu oficialmente, né, entre 31, 30 de março e primeiro de abril. Então tinha

aquela coisa do endeusamento do Kennedy, da Jacqueline Onassis, e eu questionava tudo aquilo, achava que não tinha nada daquilo. Eu lembro muito do professor Morse, na Sociologia, e ele olhava pra mim e falava assim: “Pô, mas você tem uma visão, você tem um olhar tão penetrante que, assim, você vai longe, menina!”, e eu não conseguia entender muito “você vai longe”, mas, assim, não tive as melhores notas, mas passei no vestibular. Aí tem o Golpe, que é civil-militar, que instaura-se a ditadura no nosso país, e aí menos de um mês eu entrei para o Partido Comunista Brasileiro, na universidade. E por que que eu entrei lá? Eu realmente, hoje, penso porque era a oportunidade, e eu não suportava a religião! Portanto, eu não suportava a AP e nada que tivesse, na minha mentalidade, relação com religião. Equívocos, mas a gente sempre tem equívocos, porque a teologia da libertação foi uma das coisas mais importantes que se teve no âmbito da religião, e o Frei Beto dizia pra mim, a gente era vizinho ali

Rua Lavras, Orange, ele dizia: “mas como? Por que não?”, eu falei: “ah, não, Beto! Eu sou mais comunista do que qualquer outra coisa”, e entrei para o Partido Comunista e fui militar no Partido Comunista, cheguei a ser direção do Partido Comunista naquela época, da juventude. Particpei ativamente do movimento estudantil, fui de várias diretorias de DCE da UFMG, de Centro Acadêmico, depois de DCE, especificamente na do Paulo Abib, e depois fui candidata para vice-presidente da chapa do Zé Luiz Moreira Guedes, na primeira eleição que teve direta da União Estadual dos Estudantes, mas aí, como a esquerda toda é machista, foi, era fundamentalmente muito machista, dizia o próprio partido da qual eu participava, do qual eu participava, dizia: “ah, não! Você, por ser mulher, não podia ser vice-presidente, você tem que ser secretaria geral”, então foi, o Paulo que foi o vice-presidente, mas logo ele abandonou e eu assumi a vice-presidência com a secretaria geral da UEE. Viajamos Minas inteira para fazer campanha pela primeira, para a UEE, incluindo os estudantes de todas as universidades, de todas as regiões do Estado, uma inclusão política, democrática e participativa para eleger aquela diretoria. Fomos eleitos, e neste momento existia, aí já era o Golpe, nós já estávamos na vigência do Golpe, e na UFMG foi como se a UFMG fosse um *bunker* da resistência, não é? E, sem dúvida nenhuma, o subsolo onde funcionava as Ciências Sociais era o *bunker* mais radical. E nós criamos lá na UFMG uma proposta fundamental e pusemos em prática, que foi a comissão paritária, que começa com aquela, com uma proposta de cursos paralelos que, sem dúvida nenhuma, curso paralelo é o quê? Aqueles cursos oficiais, aqueles cursos que a

Ditadura fiscalizava, aqueles cursos que, por mais que o reitor não concordasse, mas tinha que seguir alguma regra e a Ditadura tava em cima. Ainda era uma Ditadura mais ou menos, entre aspas, branda. Mas era o Castelo Branco e nós criamos o curso paralelo que deu origem às comissões paritárias. Quais eram as comissões, o que era? Era, em todos os órgãos de decisão, deveria ter paridade entre professores, estudantes e funcionários, não é? Isso foi, pra mim, sem dúvida nenhuma, revendo hoje, olhando atrás, o início daquilo que hoje se denominou as ocupações das escolas. Nós ocupamos o subsolo, né. E com isso, a Ditadura, e nesse momento a Ditadura começa a ser mais repressão, mais repressão. Muita passeata, muita bomba, muita correria, muita prisão... E até que em 66, nós fizemos o 26º, não, 26º, não lembro bem... Congresso da UNE na igreja São Francisco, aqui... Foi 26º? No Carlos Prates. É que a Zélia Rogedo, por ligação com os franciscanos, conseguiu a igreja. E a senha era: você, como o papa mais avançado era o João XXIII ou o Paulo VI? Não me lembro bem. E naquela época, eu tinha três prisões preventivas decretadas. Eu acho importante dizer isso, porque eu fui presa cinco vezes em passeatas. Existiam 14 lideranças procuradas aqui em Belo Horizonte. Eram 13 homens e uma mulher. A mulher era eu. E eles semanalmente iam na casa da minha mãe, na Rua Lavras, no início da Rua Lavras para procurar. A minha mãe já não tinha mais o que dizer. Lá pelas tantas ela dizia: “olha, eu não sei dela. Se você souber, vocês me avisa”. Bem, e aí foram as tomadas da Escola de Direito na Praça Afonso Arinos, a tomada da FAFICH, a tomada da Reitoria, e nesse momento, né, antes do AI-5 em 68, muita repressão aconteceu. Eu respondi a cinco inquéritos, cinco deles eu tive que depor com advogado, que era o Afonso, que eu não me lembro o nome dele inteiro, que ele hoje é falecido, lá no exército lá do Prado, Carlos Prates, quando ele ficava lá, não me lembro muito bem o bairro. E quê que eles queriam? “Ah, mas por que que você tá isso?”, é pressão, pressão, pressão! Até que a última prisão minha no DOPS aqui, eu fiquei dois dias e o Afonso conseguiu me tirar. Afonso Cruz, não é? Conseguiu e foi meu advogado em Minas até muito tempo, me retirar da prisão. Nesse momento, a situação foi, cada vez mais, apertando, e eu tentando, eu diria, tentando dar continuidade ao meu curso, porque eu tinha para mim o seguinte: eu não posso ser uma boa revolucionária ou uma boa guerrilheira se eu não for uma boa aluna. Então aquilo pra mim era, assim, o Lincoln Prates, o Professor Lincoln Prates, o Moves, eles tinham o maior respeito por mim por causa disso, né. Muito bem. Nesse período todo na FAFICH foi de um aprendizado fenomenal pra mim. Um aprendizado teórico, um

aprendizado político, um aprendizado de vida ali, né. E nesse momento, eu continuava também uma mulher, uma jovem bastante transgressora dos costumes, porque a esquerda é muito machista, mas eu seguia os cânones da esquerda, porque não tinha, o meu campo é a esquerda. Eu dialogava, negociava, mas eu também sempre gostei muito de namorar, sempre gostei muito de Maletta, aquele outro boteco que tinha lá na Augusto de Lima, no Maletta lá, não lembro o nome dele... A livraria dos estudantes, e tudo eram pontos muito importantes para o movimento. Eu me lembro numa passeata que eu estava como uma das lideranças e a polícia tava atrás de mim para me pegar, e eu subi os 21 andares do Acaiaca à pé, do edifício Acaiaca, e atrás de mim os policiais. Eles não aguentavam a minha energia, eu aí dei um chute para trás, mas bateu no saco de um cara, de um dos policiais, e ele ficou meio atordoado e eu entrei num consultório de um dentista, tirei a pessoa que tava na cadeira do dentista, sentei lá e fiquei, bem... E o dentista com os olhos arregalados e bastante... Pois bem. E aí foi, do ponto de vista da minha militância, eu fiquei no Partidão até 1967, quando teve o racha, a base era se existia ou não a burguesia nacional. Aí eu rachei, nós rachamos, uma base aqui de Minas rachou e ficamos com Mário Alves, o Marighella, o Apolônio de Carvalho, e fomos para uma, um lado, uma opção mais radical de esquerda, né. E com o tempo, aí nós formamos aqui em Minas a Corrente, e eu fiz parte da Corrente, né. E durante a Corrente, no período que eu fiz parte da Corrente, que eram, começam as tendências, e isso é uma loucura, porque até hoje tem milhões de tendências nos partidos de esquerda. Eu também me identifiquei com a dissidência do Rio de Janeiro, e era dissidência de Porto Alegre, aquela que não ficou nem com a Corrente e nem com a Colina, com alguns membros da Colina, que gerou a VAR, a VAR-Palmares. E aí foi que eu me identifiquei, discuti muito com o Daniel Arão Reis, com o irmão dele, com o Samuel, com o César Benjamim, enfim, e com o Franklin Martins e com o pessoal do Rio Grande do Sul, o Flávio Cuts, o Raul Ponte. E nesse momento eu fiz uma opção bem radical: não fiquei com a dissidência e fiquei com o Rio Grande do Sul, e aqui em Minas éramos poucos na dissidência, nessa dissidência, e nós optamos por entrar para a POLOP. E na POLOP, que era o Carlos Alberto Soares de Freitas, um grande amigo, companheiro, saudoso Beto, conhecido clandestinamente como Breno, que foi assassinado na casa de Petrópolis. E nessa, Beto, Guido, Rocha, nós participamos da POLOP, nós, que era um grupo, que eu não vou dizer o grupo, não tenho autorização deles para falar, e ficamos na POLOP. E na POLOP nós tivemos uma divergência, que

a grande maioria da POLOP queria o militarismo, e nós considerávamos que tinha o militarismo mais a luta operária, a inserção da classe operária, né. E neste momento, nós, eu já estava casada, me juntei com o Ricardo Prata, que tem origem na Ação Popular e veio para a POLOP também, e criamos o POC, junto com um grupo grande, Partido Operário Comunista, que privilegiou a ação de massa nas casas operárias, que era na teoria do Mandel, e nesta concepção eu fui deslocada para a Cidade Industrial, né. Mas nesse interim eu fiz. Eu me formei, não, eu não me formei, eu fiz concurso para professora primária em Belo Horizonte. E passei e fui lecionar numa favela que chamava Morro do Papagaio. E aí eu não só lecionava, mas eu aproveitei e fiz minhas atividades políticas e fui articulando com as mulheres, mas eu não tinha noção porque eu articulava com as mulheres lá. Dava prioridade à articulação com elas. E nesse momento, eu entrei para, eu acho que era Associação das Professoras Primárias, não era ainda sindicato. A Maria depois pode refrescar a memória. Mas... E hoje eu perguntei a ela como é que chamava, era a Nair a presidenta, né? Dessa associação. E eu fui oposição a ela, e aí eu participei de uma instituição importantíssima, que chamava Intersindical. A Intersindical era vários setores do sindicalismo, né, que se organizou para a greve geral de Contagem e Osasco, a primeira greve geral no Brasil depois de Getúlio, né, depois da do Jânio Goulart, e nós fizemos nesse momento importantíssimo. E aí eu acrescentei no meu currículo de perseguida mais essa faceta, né. Mas eu quero voltar em 66, por ocasião do Congresso da UNE. Eu fui, eu era uma das organizadoras, e fui sequestrada pela minha família para Lavras. Eu não sei como é que eles conseguiram me sequestrar, quando eu vi eu tava em Lavras, porque a polícia comunicou ao meu tio, que era deputado estadual pelo PMDB, que eu ia ser presa, então eu fui para Lavras. Quando eu me dei conta que eu tava em Lavras e que eu tinha um congresso para realizar aqui, eu me auto-sequestrei para Belo Horizonte outra vez. Eu consegui ganhar uma pessoa muito amiga, que eu tenho um reconhecimento muito grande por ela, por ele, em Lavras para me trazer. E eu combinei, nós combinamos que quando passasse na barreira, meu nome estaria na barreira, na divisa entre Minas e São Paulo. Eu esconderia, baixo assim, e passava. Muito bem. E eu tinha um código com a Herta Pidner e a Ione Grossi, minhas grandes companheiras, que era “casebre”. Então eu passei um telegrama para elas que eu estava bem, mas que eu voltava. Muito bem. Eu vim, e na barreira aconteceu nada menos e nada mais do que isso. “Ah, a sobrinha do doutor Silvio, Eleonora está aqui?”, “Não, não. Não é ela”. E não deu tempo de eu

abaixar, não era eu. E ele correu, apertou a direção e viemos embora. E eu de cara entrei para a Igreja São Francisco, né, e fizemos o congresso lá. Eu acho esse caso muito importante, porque isso me deu naquela época a dimensão do que eu iria enfrentar, né, de ambos os lados, do lado familiar e do lado da própria polícia. Mas para esse congresso, é importante dizer, que nós, lideranças aqui, tivemos um apoio muito grande do Tancredo Neves. Ele morava na Praça da Savassi, em uma casa. E ele nos recebia lá naquela casa e dialogava conosco estratégias para que o congresso se realizasse. Isso é importante dizer, no meio daquela repressão muito forte, né, e ele dialogou conosco muito, porque naquela época o MDB era ainda um partido composto de personagens importantes, né, que hoje não tem nada a ver com o que era no passado. E no congresso nós elegemos Zé Luiz Moreira Guedes, eu fui eleita para diretoria da UNE, o Luizinho de Magalhães Gomes, e eu lembro que eu fui a primeira mulher eleita para a diretoria da UNE. Não me lembro nem que cargo eu ocupei lá, porque logo ali depois nós tomamos caminhos. Eu entrei logo para a clandestinidade na Cidade Industrial e não pude dar continuidade ao meu mandato, mas eu tenho o maior orgulho de ter sido da diretoria da UNE, eleita naquele congresso nos porões da Igreja São Francisco, no Carlos Prates. Muito bem. Em 68, antes do ato institucional, eu fico grávida, da minha primeira filha, que hoje ela faz, em setembro, 48 anos, a Maria, e naquele momento que a repressão começa a ficar muito, muito, muito forte, né, nós fizemos a opção, Ricardo e eu, de irmos para, sair de Belo Horizonte, por determinação da organização, não poderíamos ficar aqui. Aí nós fomos para São Paulo, né. E eu, grávida, muito jovem, e ficamos lá em São Paulo. A Maria nasceu lá, de forma também clandestina, e o que é forma clandestina? Ninguém nasce de forma clandestina, mas ela só foi a ter um nome dela registrado como nome Maria seis, sete, oito meses depois, né. E nós, ela, eu fui para São Paulo, clandestina, e vivi tudo que uma mulher vive clandestinamente. A situação era difícilíssima, eu morava em Santo André, né, tinha uma articulação muito grande com o movimento operário, e em 69 nasce a Maria, dia 27 de... Depois do sequestro do embaixador americano, a Maria nasce dia 27 de setembro, e, com muita dificuldade, eu começo a, cada vez mais clandestina, cada vez mais com dificuldade, a criar a Maria. E não a deixava com ninguém! Com ninguém, com ninguém, com ninguém! A não ser com o Ricardo, e com um companheiro, que depois veio a ser assassinado, que é o Luiz Eduardo da Rocha Merlino, o Nicolau. E em um determinado momento, nós avaliamos que a Maria deveria vir para Belo Horizonte para ficar com a minha mãe. Aí o Faria, que é um cara

que era da AP, que eu tenho maior respeito, gratidão, amizade, ele traz a Maria para ficar com a minha mãe, e nesse momento ela não consegue ficar nem quinze dias aqui, ela desaprende a falar, ela desaprende a andar, ela desaprende a tudo. E aí minha mãe manda ela de volta. E esse momento que eu pego a Maria, eu peguei no Vale do Anhangabaú a Maria, e foi um dos momentos mais fortes da minha vida, quer dizer, eu pego a menina de volta e ela volta a falar quando ela me abraça. E aí mais uma vez eu tive a dimensão do que eu passaria se fosse presa, né. E ali naquele momento eu tive a certeza que era ou morrer ou ser presa, né, ou as duas coisas, ser presa e morrer. Ela tinha um ano e dez meses e eu continuei, nós continuamos no POC. Eu continuei no POC e ela tinha um ano e dez meses e eu fui presa em 71, com ela. E ela sofreu muito, muito, muito, e eu também, mas ela foi, eu fui ameaçada de que ela fosse torturada na minha frente, e ela o foi, não torturada fisicamente, mas foi levada para mim em um frio diaboso, de julho, em um frio paulista, paulistano de julho, e tiraram a roupinha dela no DOPS, então isso é muito forte. Isso eu considero tortura. Mas, mais do que isso, era a ameaça que eu sofria dela ser morta ou dela ser torturada na minha frente. E numa dessas, aí até que ela vai, a minha cunhada traz a Maria para Belo Horizonte e ela é criada pela minha mãe e pelas minhas duas irmãs e um irmão. Essa é a base afetiva que deu para ela, para ela sobreviver hoje, né, até hoje, que tem uma filha que vai fazer 15 anos. Nesse, eu presa desde 71, eu já no presídio Tiradentes, eu fui retirada do presídio Tiradentes e levada para Juiz de Fora. Era dia 30 de dezembro, eu e Ricardo. O álibi deles, dos torturadores, era que nós precisávamos prestar depoimentos, porque nós tínhamos processo aqui. Só que, na realidade, prestando depoimento, não prestamos depoimento. Nós ficamos no quartel, separados, e era passagem de ano, eu chamei, e eu lá, em um... Sentindo um mal estar, um frio, aquele gelado lá dentro, e eu pedi um livro para o carcereiro, aí ele falou: "Vou trazer o capelão", eu falei: "não acredito em padre, não quero capelão, não quero nada", e ele trouxe o capelão. Aí o capelão falou: "o que que você quer?", eu falei: "eu quero um livro qualquer, uma revista para ler", ele me trouxe catálogo telefônico de Minas Gerais, de Belo Horizonte. E eu li o catálogo inteirinho. E ali, naquele momento, eu vi vários amigos do movimento estudantil com telefone fixo na casa, eu achei aquilo o máximo da riqueza dele, ter telefone. E aí, quando eu estava me divertindo com aquilo, entre aspas, distraindo, eu fui levada para a tortura ali, na passagem do ano. E a tortura foi muito violenta, porque foi uma coisa que era numa



sala escura, com um abajur, e eu fui torturada ali com choque elétrico, nua, muito, muito, e com abajur bem grande. Eu lembro desse abajur na minha cara, nos meus olhos, e assim, muito forte mesmo. Aquela tortura ali, pra mim, deve ter demorado um dia, mas não foi, porque eu amanheci dia primeiro na cela. E o capelão, depois, no dia primeiro, que eu vim depois saber dia primeiro, ele disse pra mim: “gostou da sua passagem de ano?” Aí eu mandei ele para aquele lugar e ele me deu, o capelão, abriu a grade e me deu três porradas no rosto. Quer dizer, então aquela passagem de ano, hoje, eu olhando, porque eu não gosto da passagem de ano é por isso, eu não gosto, não tenho relação nenhuma. A relação que eu tenho com a passagem de ano é de violência, né. E não fizemos depoimento nenhum, e segundo o Ricardo, também aconteceu com ele, de maneira diferente, mas aconteceu. Voltamos para São Paulo, paro Tiradentes. E lá eu estava na mesma cela que a Dilma, e ela me deu muita força quando eu vim, porque ela tinha vindo já, e quando eu voltei, ela também me deu muita força, porque eu voltei muito machucada, né. Viajar de São Paulo para cá no camburão e voltar... E aí, em fevereiro, que a auditoria abriu, eles nos trouxeram outra vez. E eu ainda estava bastante machucada, bastante roxa, e foi aí que eu encontrei as minhas duas irmãs, a Maria do Carmo e a Beth, na audiência, e a Zélia Rogedo, que sempre estive em todas as minhas audiências, desde São Paulo até aqui. E elas ficaram muito horrorizadas ao me ver. Então a relação com Minas Gerais é uma relação de ter me construído aqui como cidadã brasileira, como uma mulher de luta, e uma construção difícil, dolorosa, que tem muita tortura no meio disso tudo, né. E eu fiquei presa quase três anos, dois anos e 11 meses, em São Paulo, voltei em Minas essa vez, depois voltei para o julgamento, fui condenada aqui em Minas Gerais neste processo. Fui condenada aqui a um e pouco, não me lembro se é cinco meses ou oito, e que foi descontado da pena maior que eu ganhei em São Paulo. E, depois, em São Paulo eu fui condenada a 12 anos, e depois, no Superior Tribunal Militar, né, imagina, caiu, descontou o tempo daqui e caiu para três anos e oito meses, que foi quase o período todo que eu estava, então eu saí com pena cumprida, né. E eu saí em São Paulo mesmo, né, com pena cumprida. Depois, na época da pós-anistia e que surgiram as Comissões da Memória e da Verdade e todas elas, e as comissões de anistia, com a possibilidade de indenização por tortura, eu pedi aqui e pedi em São Paulo, né. Aqui eu pedi diretamente em Juiz de Fora e eu ganhei um tempo depois, eu não sei se foi 97, não, ou 98, porque aqui eu ganhei duas, eu fui indenizada aqui de duas formas, primeiro eu quando fui... Sai em 67, 68, eu era professora primária, e eu

fugi. Então eu tenho um decreto no Diário do Estado, Diário Oficial do Estado, que era abandono de emprego, né. Depois, no governo do Eduardo Azeredo, eu, era o secretário de educação, se eu não me engano, o João Batista Mares Guia, eu entrei com pedido de indenização. O quê que era esse meu pedido? Era, como eu não abandonei o emprego, eu fui abandonada, eu fui forçada a abandonar, eu pedi como... Eu pedi para reversão do decreto do Diário Oficial, do Diário do Estado, né. Eu pedi como se fosse exoneração a bem do serviço público, e não por abandono do emprego. Com esse pedido, eu entrei, junto com ele, com um pedido de indenização para retorno ao serviço público aqui como professora primária. Eu já era professora universitária, que eu logo que saí da cadeia fui para a Paraíba e me concurrei lá na universidade, depois me transferi para a Unifesp, em São Paulo. E aí eu ganhei aqui, assinado pelo então governador e secretário, que eu voltaria como se na ativa estivesse. Então eu fui aposentada como professora primária e ganhando, ganhei todo aquele período, aquela indenização, e passei a ter, a partir daquela época, aposentadoria, que eu honro muito como professora primária de Minas Gerais. Isso pra mim é o maior orgulho, de ter essa aposentadoria, que é por volta de 3.800, 4.000, mas aquilo para mim é uma questão de honra. E eu recebi, fiquei como se na ativa estivesse, então eu recebi um dinheiro. Esse dinheiro eu reconheci como absolutamente de direito, e foi com ele que eu comprei o apartamento onde eu moro hoje em São Paulo, né. Fora disso, eu entrei na Comissão de Anistia ou de Tortura aqui, como entrei na de São Paulo, pois eu fui torturada aqui e fui torturada lá, né. E aqui eu entrei diretamente, pedi declaração em Juiz de Fora, eles me deram, e eu entrei na Comissão. E eu ganhei, né, R\$ 22.000,00, ou 28, na época. E também ganhei na de São Paulo, né. Em São Paulo eu ganhei em 2002, é, foi, mais ou menos. E não entrei na geral, na nacional, porque eu já tinha ganho na daqui. Aí depois de um tempo eu fui convencida de que eu deveria entrar na de São Paulo, na nacional. Eu entrei na nacional, em dezembro deste ano eu ganhei, mas não recebi. Eu ganhei, mas não levei, porque já era o governo golpista, e eu sou uma pessoa muito pública, muito marcada, ainda não recebi. E agora, vejam bem, eu quero deixar bem claro: eu ganhei por três a dois, teve uma discussão muito forte a meu respeito, e era uma discussão política, ideológica. Não era uma discussão do que eu fiz ou deixei de fazer. O que eu fiz está registrado, né. Mas não recebi. E eu não pedi o continuado, eu pedi parcela única, de 100 mil. Foi essa que eu ganhei, mas não recebi nada ainda. Então, essa descrição, aliás, depois eu saí da prisão, final de 73, eu tive mais um filho, né,

que é importante, eu quero, eu faço questão de registrar, que foram dois momentos da vida. Um, uma antes, e que acompanha todo esse processo, e o outro depois de todo esse processo vivido, que é um homem. Ambos, as marcas da tortura estão em ambos. A primeira, porque viveu, então ela teve que fazer um processo enorme de catarse, ela fez com um vídeo que ela produziu junto com uma companheira, Marta Nehring e Maria Soares, “Quinze filhos”, são filhos de ex-presos, desaparecidos e exilados, que eram crianças na época. Então é um vídeo maravilhoso, que foi premiadíssimo. E ela também escreveu a orelha do livro “Tiradentes: o presídio da ditadura”, né, onde ela diz que a noção da liberdade ela aprendeu na barriga da mãe dela, né, porque ela viveu todo esse processo comigo. E depois eu tive o Gustavo, que também sofreu. Por que que ele sofreu? Porque eu saí da prisão, muito machucada, muito ferida fisicamente, eu tomei muito choque na vagina, muito choque nos ouvidos, que eu sou surda do direito até hoje. E ele traz essas marcas da dor da tortura, ela era da dor da clandestinidade, da dor do, entre aspas, esse sentimento que ela tinha de abandono. E ele da dor da tortura, da dor física, da dor, e também de uma dor que ele chegou a perguntar para mim porquê que ele não foi preso. Uma família onde o pai, a mãe e a irmã foram, por que que ele não? Então as crianças tiveram, na época da ditadura civil-militar no nosso país, um papel, um lugar muito destacado. Se nós tivemos poucos, poucas crianças que foram torturadas e os pais assassinados e entregues para militares torturadores para serem criados, como na Argentina, que as “madres de mayo” até hoje procuram seus netos, nós tivemos uma parcela de crianças que trazem marcas muito dolorosas da tortura dos seus pais, da tortura de si mesmas, porque à medida que você vê a sua mãe e seu pai torturados, você está sendo torturado também, né. Então nessa história, nessa minha história, né, é uma história que marca muito a vida, a minha vida, que é a vida de quem tem um lado, e de quem já teve momentos muito grandes. Tem um depoimento que eu fiz no Ministério da Educação uma vez, como ministra que eu era de política para as mulheres, do governo Dilma Roussef, que eu tive vontade de ter sido morta, eu queria ter sido assassinada, porque eu preferia ter sido assassinada do que passar pelo que eu passei e pelo que eu vi de companheiros serem assassinados. Então eu preferia ter sido morta, mas aí, ao longo da minha vida, terapia, análise e tudo, eu vi que até era covardia eu querer ter sido assassinada. Covardia por quê? Covardia porque eu não teria sido, se eu tivesse sido assassinada eu não teria sido colocada à prova, no teste da tortura, com o passar para o lado de lá dos torturadores, com mudar de lado,

porque a tortura é o lado mais ignóbil que se tem sobre o ser humano. Te deixa no chão, quebra tua identidade, quebra a tua noção de pessoa, que não é uma pessoa física, é uma pessoa completa, né, e você se sentir objeto de prazer dos torturadores, eles tendo orgasmo com você, mesmo não tendo te violentado sexualmente, porque eu não fui violentada sexualmente, mas da tortura de você sangrar ali na frente, de você menstruar, de você urinar, evacuar na tortura, então põe em uma, te testa de todas as maneiras possíveis! Mas por outro lado te dá uma força muito grande. Muito, muito, muito grande! E ao outro lado, é o fato de eu ter percebido de como era importante eu ter sobrevivido para contar a história ou para ajudar a esclarecer, contar a história, né. E é nesse intuito que eu estou aqui, que eu estive em várias comissões, e eu tenho como mote de vida a denúncia do assassinato de um companheiro, que é o Luiz Eduardo da Rocha Merlino, o Nicolau, que é de São Paulo, que foi assassinado na minha frente, eu estava na cadeira do dragão e ele no pau de arara. E a família dele, com o meu depoimento e de outros companheiros, ganhou um processo contra o Carlos Alberto Brilhante Ustra, o maior torturador da história desse país, dizendo que ele torturava em nome do Estado, né. Então estou também aqui para isso, para esclarecer, para falar o que você achar, Maria Céres, que tem que ser mais esclarecido, mais do ponto de vista da vivência aqui em Minas Gerais.

**MARIA CÉRES:** Eleonora, eu quero agradecer, mas eu queria fazer uma perguntinha para você.

**ELEONORA MENICUCCI:** Ham?

**MARIA CÉRES:** Quero fazer uma pergunta. Quero te agradecer e fazer uma pergunta. Você disse que você veio de Lavras para Belo Horizonte e tinha a barreira entre São Paulo e Minas. Mas Lavras é Minas, eu quero esclarecer, quer dizer, para você...

**ELEONORA MENICUCCI:** Mas eu errei, é Minas-São Paulo. Naquela barreira ali, antes de chegar em Belo Horizonte, tinha uma... Aí eu errei mesmo, me confundi.

**MARIA CÉRES:** A barreira na estrada de Minas?

**ELEONORA MENICUCCI:** Na estrada de Minas, na Fernão Dias, na antiga Fernão Dias.

**MARIA CÉRES:** Aham, não, então é isso mesmo.

**ELEONORA MENICUCCI:** Na antiga Fernão Dias.

**MARIA CÉRES:** Maria está dizendo que é Oliveira.

**ELEONORA MENICUCCI:** Ham?

**MARIA CÉRES:** Perto de Oliveira.

**ELEONORA MENICUCCI:** Perto, é, é.

**MARIA CÉRES:** Aí a outra coisa que eu queria colocar para você é o seguinte, você fala do congresso da UNE aqui, em 66.

**ELEONORA MENICUCCI:** Aham.

**MARIA CÉRES:** Foi lá no coisa... Você lembra, sabe, vamos dizer assim, vocês correram o Estado para chamar para...

**ELEONORA MENICUCCI:** Se eu o quê?

**MARIA CÉRES:** Vocês, como é que foi a organização do congresso, o apoio que vocês tiveram da igreja de São Francisco, mas você lembra outros apoios? Você lembra de outras lideranças aqui que participaram, mineiras que participaram do congresso?

**ELEONORA MENICUCCI:** Lembro, claro. Primeiro, nós chegamos, vocês já devem saber, nós chegamos aos franciscanos lá da igreja de São Francisco por meio da Zelinha, da Zélia Rogedo, né, que morava lá ao lado e o pai dela era delegado do trabalho e ele conseguiu e ela também, com aquele jeitinho dela, e conseguiu apoio. E eu era uma das que ia lá, discutia, conversava na organização, com a igreja. E nós, do ponto de vista da sociedade, nós não tínhamos muito apoio, não, nós tínhamos apoio de algumas lideranças, deputados estaduais daquela época e advogados. Era o Afonso Cruz, era o Gamaliel Herval, se eu me lembro, que apoiava, assim... O reitor da UFMG nós não conseguíamos conversar direito com ele abertamente, eu não me lembro

o nome dele direito, naquela época... Você lembra?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Em 66? Já era o Marcelo?

**ELEONORA MENICUCCI:** Não.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Então era o Aloísio Pimenta ainda?

**ELEONORA MENICUCCI:** 66 era o Aloísio Pimenta.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Aloísio Pimenta.

**ELEONORA MENICUCCI:** Aloísio Pimenta era muito apoiador, mas ele não, também não podia, mas ele apoiava. E alguns deputados estaduais, né. E foi por isso que eu tinha um tio que era deputado, Sílvio Menicucci, e que era do MDB que articulou, junto com o Tancredo, um apoio e foi por isso que ele sabia que eu, tinha prisão decretada, por isso que me levaram pra lá, né. Mas era uma coisa, nós tínhamos muito receio de... Porque era uma coisa muito clandestina, muito fechada. A UNE colocada na clandestinidade. Nós ousamos para fazer aquele congresso, né. E nós organizamos,

assim, dessa maneira, junto com os padres, né, que era... Tanto é que quando eu chego na igreja, eu mesma, todo mundo já achava que eu não iria, não conseguiria ir, eu chego e tinha um tanto de companheiros e companheiras ajoelhados no primeiro banco lá, para passar no confessional, para falar qual papa que era mais avançado. E eu cheguei e furei, eu me lembro perfeitamente que eu furei a fila, né, porque a repressão tava atrás de mim muito, e eu tinha medo dela chegar e, né... Entrei e todo o congresso foi realizado no porão da igreja, né. E nós todas com o saco plástico, porque caso invadisse e jogasse as bombas, nós colocávamos o saco plástico na cabeça, né. Mas nós conseguimos tirar uma estratégia lá, e a UNE somos nós, Legalize a UNE, né, e eleger a nova diretoria. E foi muito importante aquilo, porque quando nós saímos da igreja, nós saímos bem dispersamente, é claro, e não tenha nem, não dúvida disso. E nesse momento, nós, a liderança, saímos e a polícia, a repressão não tinha ainda descoberto o local, nós sabíamos que ela estava próxima, prestes a descobrir, mas não... Nenhum de nós naquele momento foi preso. E aí nos deu, por um lado, uma força muito grande para continuar, né, mas por outro nos deu a dimensão de que a repressão iria, estava, tinha... Estava aumentando violentamente. E aí logo... Logo, logo, por exemplo, em 67 houve o racha no Partidão e no final de 67 eu fui para, deslocada para a Cidade Industrial, e tanto é que eu não fui em Ibiúna, porque eu já tava com duas ou três prisões preventivas decretadas, mas aquele momento no Carlos Prates, né, na igreja, a vizinhança não imaginava o que tava acontecendo lá, e eu acredito que os freis e os padres foram muito, muito, muito solidários naquela época, porque naquele momento acreditar na história que a Zelinha tinha contado e que nós endossamos, era uma outra história, né. Um encontro ali não era um encontro qualquer, né. E foi... Aquele momento nós tivemos um apoio, pra mim, mais importante dali foi o fortalecimento da UNE e o fortalecimento de que a luta clandestina era inevitável. Ali não teve dúvida.

**MARIA CÉRES:** Com relação à greve que você se refere...

**ELEONORA MENICUCCI:** Aham.

**MARIA CÉRES:** Aquela greve que foi em Contagem, mas cuja maior participação era dos sindicatos dos metalúrgicos e...

**ELEONORA MENICUCCI:** Muito grande!

**MARIA CÉRES:** Que existia uma atuação. E você militava lá em Contagem nesse período?

**ELEONORA MENICUCCI:** Sim. Militava. Já estava morando lá.

**MARIA CÉRES:** Você era ligada a POC?

**ELEONORA MENICUCCI:** Ao POC.

**MARIA CÉRES:** Ao POC, né.

**ELEONORA MENICUCCI:** Já era o POC.

**MARIA CÉRES:** Aham. E foi aí que você e o Ricardo para...

**ELEONORA MENICUCCI:** Sim, já éramos POC. É. Sem dúvida. E eu era da tal Intersindical, por isso que a greve, eu tive uma atuação muito, muito forte nessa greve, de apoio a ela e de mobilizar o setor público e o setor de professores para a greve, né, de apoio. Então era uma greve que, naquela época, aquela... Estudante, camponês e operário, né, a união, a articulação, e nós... Eu tinha saído do movimento estudantil, estava adentrando o movimento operário, mas sem ser, né, e participando da Intersindical, que tinha, as reuniões eram muito fortes dos sindicatos dos bancários, não é. Eu me lembro perfeitamente. Nós fizemos grandes atividades ali aonde era, eu não sei o quê que é hoje ali, era secretaria de saúde, lá embaixo, perto do Mercado.

**MARIA CÉRES:** Era um centro cultural.

**ELEONORA MENICUCCI:** Heim?

**MARIA CÉRES:** Um centro cultural. Era secretaria de saúde, hoje é um centro cultural.

**ELEONORA MENICUCCI:** É. Fizemos várias atividades lá, muito fortes, muito fortes.

**MARIA CÉRES:** Teve um 1º de maio...

**ELEONORA MENICUCCI:** Primeiro de maio, que foi conjunto, né. Foi Osasco, Osasco, ABC e Contagem, né, e foi... Ali realmente, nesse momento, não tinha volta. Nenhuma.

**MARIA CÉRES:** Continua falando aí que eu vou ter que...

**ELEONORA MENICUCCI:** Nesse momento não tinha volta.

**MARIA CÉRES:** Uhum.

**ELEONORA MENICUCCI:** Não tinha volta, no caso para mim, e eu tinha garantia para mim, eu tinha certeza para mim, convicção do caminho, né, que não tinha outro, não tinha...

**MARIA CÉRES:** A greve de professores que você se refere, foi uma de 67?

**ELEONORA MENICUCCI:** Foi.

**MARIA CÉRES:** Conduzia pela associação de professores primários...

**ELEONORA MENICUCCI:** Foi! Foi uma das primeiras grandes greves aqui.

**MARIA CÉRES:** A PPMG, isso. Da...

**ELEONORA MENICUCCI:** Da Matanaí, né?

**MARIA CÉRES:** É.

**ELEONORA MENICUCCI:** Exatamente, é. Essa greve foi em 67, nós fizemos, e aí, mais uma vez, na história de Minas, eu cravo a minha participação política no movimento de professoras, né, que foi na primeira greve, por isso que a categoria de professores entrou na Intersindical. Essa Intersindical é muito, teve um papel muito grande na história das greves aqui em Belo Horizonte naquela época, para o Estado, né. E o Sindicato dos Bancários era muito forte, eu tô aqui tentando lembrar o nome do presidente do Sindicato dos Bancários, que era um cara muito próximo a mim, mas... O tempo passa e a gente vai tendo...

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Sinval...

**ELEONORA MENICUCCI:** Ham?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Sinval Bampirra?

**ELEONORA MENICUCCI:** Não, foi depois dele. Eu vou lembrar. Era muito amigo do Faria.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** O Riane?

**ELEONORA MENICUCCI:** Heim?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Riane.

**ELEONORA MENICUCCI:** Não, não, Riane era antes.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** José Valane.

**ELEONORA MENICUCCI:** Heim?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** José Vilane...

**ELEONORA MENICUCCI:** Quê?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** José Vilane.

**ELEONORA MENICUCCI:** José...?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Vilane.

**ELEONORA MENICUCCI:** Não. Não. Vou lembrar, vou lembrar. Mas...

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** O Dazinho era operário, né?

**ELEONORA MENICUCCI:** O Dazinho era operário, não tinha, não era bancário, né. O presidente do Sindicato dos Bancários que cedia, ele foi extremamente, ele teve um papel muito grande na história dessa fase histórica aqui em Belo Horizonte e em Minas Gerais. Assim, muito, muito forte mesmo. O Sindicato dos Bancários como um todo e ele. Depois ele ficou também clandestino um tempo em São Paulo. Eu vou



lembrar. Até o final eu lembro, se eu não lembrar, eu lembro depois e mando pra Maria Céres, não tem...

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Posso fazer uma pergunta?

**ELEONORA MENICUCCI:** Você quer perguntar?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Quero. Você disse que foi presa a primeira vez em 71, não é isso? Para onde foi o primeiro lugar?

**ELEONORA MENICUCCI:** Ah, não, a prisão, prisão mesmo, né. A última.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Prisão mesmo...

**ELEONORA MENICUCCI:** A última.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** É. Antes você foi presa...

**ELEONORA MENICUCCI:** Ham?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Antes você foi presa em que ocasiões?

**ELEONORA MENICUCCI:** Antes eu fui cinco vezes presa aqui em Belo Horizonte.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Uhum.

**ELEONORA MENICUCCI:** Essa prisão, assim, que você vai, que ia pro DOPS, respondia, ficava lá sendo meio que torturada psiquicamente pelo David Hazan, e era solta.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Uhum.

**ELEONORA MENICUCCI:** Né. E só uma vez que eu fiquei dois dias dormindo lá, eu e os treze, eram treze lideranças.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Uhum.

**ELEONORA MENICUCCI:** Homens, e eu de mulher. Depois, uma das vezes que eu fui prestar um depoimento lá no centro militar, no Prado...

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** No DI, né.

**ELEONORA MENICUCCI:** Heim?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** DI, Departamento de Instrução.

**ELEONORA MENICUCCI:** É.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Lá do Prado.

**ELEONORA MENICUCCI:** No Prado, né.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** É, isso.

**ELEONORA MENICUCCI:** Eu fiquei, eu fiquei até duas e três horas da manhã. Eu prestei o depoimento era 13h00min mais ou menos, e eles me deixaram lá, entendeu? Até que o Afonso foi lá e me... E o Afonso foi e me acompanhou em todos os processos em Juiz de Fora também.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Afonso era o seu advogado.

**ELEONORA MENICUCCI:** Heim? Afonso era o advogado.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Seu advogado, o Afonso Cruz.

**ELEONORA MENICUCCI:** O Afonso Cruz.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Aham.

**ELEONORA MENICUCCI:** Ele foi meu advogado até morrer. Até ele morrer ele foi meu advogado.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Uhum. E aí, Eleonora, em 71 então você...

**ELEONORA MENICUCCI:** Ham?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Em 71, quando você foi presa e ficou presa...

**ELEONORA MENICUCCI:** Em São Paulo;

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Foi em São Paulo. Foi no Tiradentes?

**ELEONORA MENICUCCI:** Eu fui, eu fiquei 71 dias no DOI-Codi, na Ubana, Rua Tutoia, sendo torturada por três equipes, tinha equipe A, B, C. E depois, todo tipo de tortura que você imaginar. Depois fui para o DOPS, que era a fase que eles chamavam de fase do cartório, onde você era, entre aspas, oficialmente considerada como presa.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Até então era extraoficial?

**ELEONORA MENICUCCI:** Não, até então você podia ser morta, desaparecida, morta, como tantos foram, né, companheiros. Mineiros, a Inês Etiene, o Hércio Pereira Fortes, o Beto, o Antônio José, da Direito, vários, vários! E daí você, eu fiquei no DOPS na fase de cartório. Quê que é a fase de cartório? Algumas pessoas já devem ter explicado, não sei, mas fase de cartório é onde você presta o seu depoimento via, perante, entre aspas, um delegado, no meu caso era um tal de Sigilo. Não, Sigilo era o de Minas, mas o de São Paulo era um tal de Mário, Mauro... É Mário, e... Porque os processos eram divididos, tinha os processos das organizações estritamente considerada militarista e das organizações consideradas não militaristas por completo. Eu era das não militaristas por completo, né. Aí eu fiquei no DOPS de outubro a final de novembro, numa cela chamada cela três, que era de beliche, assim, de cimento e tinha uma fossa só. Eu cheguei a ficar com vinte e oito mulheres, companheiras, lá. E tinha, os companheiros que ficavam nas outras celas fizeram uma música: "a cela três é a cela das donzelas, quem me dera eu poder ser uma delas agora", não sei o que... Então, assim, daí você prestava o seu depoimento, né, pra este X advogado junto,

não, delegado junto com o advogado. Lá em São Paulo, minha advogada era a Rosa Cardoso e a Regina Pasquali, né. Rosa Cardoso foi da Comissão Nacional da Verdade, e a Regina Pasquali. E aí você consertava ou desfazia os seus pseudodepoimentos da tortura. Porque quando eu fui presa em 71, a tortura já tava muito mais refinada, não era como o início da tortura aqui em Linhares, desorientada e não tinha uma tecnicidade, porque quem treinou os torturadores, isso eu quero deixar claro aqui, quem veio para o Brasil treinar os torturadores foi a CIA, que treinou os torturadores no Brasil. Então eles começaram a ter uma tortura mais científica usando choque, o eletrochoque, usando a cadeira do dragão, o pau de arara já era usado desde o início delas e desde 64, mas os choques elétricos, eletrochoques, a cadeira do dragão com choque inteiro, o afogamento, tudo mais, entre aspas, consideradas as mais científicas. Evidente que mais científica é para você tirar mais coisa dos presos ou das presas e não matar na primeira vez. E tinha aqueles que eram determinados a morte, né, que não tinha, era pego e morto, né, ou morto e pego, né. E do DOPS eu fui levada para o Tiradentes, para o presídio Tiradentes, né. Lá no presídio Tiradentes era uma realidade, nós ficávamos na torre das donzelas, a famosa torre das donzelas, separada das presas comuns, e onde as famílias tinham direito de ir visitar e levar os mantimentos para gente fazer a comida aos sábados, e quem tivesse companheiro ou marido ou não sei o quê, que ficava no presídio dos homens, eles passavam para o pátio das mulheres e recebiam visita em conjunto, que era o meu caso, não é? E foi nesse, aí em dezembro eu vim para Juiz de Fora, eu fui trazida pra Juiz de Fora.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Dezembro de 71?

**ELEONORA MENICUCCI:** Ham?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Dezembro de 71.

**ELEONORA MENICUCCI:** Foi, foi. E depois, em 72, eu vim para o julgamento. Não me lembro perfeitamente a data. Daí eu fiquei lá no Tiradentes. Depois que fechou o Tiradentes, que nós fizemos a greve de fome, fechou o Tiradentes para construir o metrô, na época do Maluf, as mulheres foram transferidas para um presídio chamado Presídio do Hipódromo, no Brás, é um bairro de São Paulo, numa rua que chama Rua do Hipódromo, isso era uma delegacia e as presas políticas ficavam no terceiro andar e os presos políticos ficavam do outro lado. Agora, era uma coisa, assim, ó, olha essa mesa aqui. Nós ficávamos aqui, eles ficavam aqui e aqui tinha um pátio, e embaixo, no segundo andar, ou primeiro, ficavam os presos comuns. Eu vi, com meus próprios olhos, chegar preso comum lá e os outros virar: “chegou carne fresca, presunto novo”,

eles estupravam pelo ânus até o intestino sair. Eu vi isso. Quer dizer, a tortura já existia com os presos comuns e existe até hoje. Não há dúvida nenhuma. Nós ficamos lá até que as nossas mobilizações foram ouvidas e nós fomos transferidas, os homens foram transferidos para o Carandiru e nós fomos transferidas para o presídio chamado Casa das Retortas, que era o presídio das freiras, que é uma ala das mulheres no Carandiru, mas não é aquela área de pavilhão, não, é uma casa, nós ficamos em uma casa lá. E eu saí. Quando eu fui libertada, eu fui libertada porque a minha pena caiu no Supremo Tribunal Militar e aí eu saí com tempo cumprido já, né, de cadeia. E a minha pena de 12 anos caiu para três e pouco, eu já tinha completado a mais um pouco e eu saí desta... Desta prisão, né. E nesse intermediário, neste interregue no todo, eu vim a Juiz de Fora, eu fui trazida no camburão, algemada, junto com o Ricardo na viagem, na estrada, na Fernão Dias, para Juiz de Fora, duas vezes. Mas eu nunca fiquei em Linhares.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Uhum.

**ELEONORA MENICUCCI:** Eu fiquei no quartel.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** E você mencionou que ficou no quartel...

**ELEONORA MENICUCCI:** Ham?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Você falou que foi levada a primeira vez para...

**ELEONORA MENICUCCI:** Para o quartel.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Para Juiz de Fora sob alegação de que era pra prestar...

**ELEONORA MENICUCCI:** Não prestei.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Não prestou depoimento.

**ELEONORA MENICUCCI:** Não.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** E essa tortura sua lá, foi no próprio QG ou eles te levaram...

**ELEONORA MENICUCCI:** Foi, foi no próprio QG.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Você lembra o nome, além do capelão...

**ELEONORA MENICUCCI:** Não, não lembro.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Você lembra o nome de...

**ELEONORA MENICUCCI:** Não, eu não lembro. O nome, ninguém falou o nome, nem frio nem verdadeiro.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Esse capelão seria de fato padre ou fazia de...

**ELEONORA MENICUCCI:** Eu tenho dúvida, ele poderia fazer, porque naquela época você desconfiava até da sombra, né.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** É. Ele tinha o título capelão, mas deveria ser...

**ELEONORA MENICUCCI:** Ele era tido como capelão, mas...

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** É, mas devia ser...

**ELEONORA MENICUCCI:** Ele que me levou pra tortura, ele assistiu, ele...

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Devia ser alguém mais...

**ELEONORA MENICUCCI:** Deles. Ele era alguém deles.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Claro.

**ELEONORA MENICUCCI:** Exatamente.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** E aí os choques que eram te dados lá...

**ELEONORA MENICUCCI:** Ham?

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Os choques que eram te dado lá, você falou que lembra da luz, né.

**ELEONORA MENICUCCI:** Do... Era um abajur.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Era um abajur...

**ELEONORA MENICUCCI:** Bem grande que eles punham no meu rosto. Foi, e para mim era uma eternidade aquilo lá, mas eu acredito que durou umas duas horas.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** E no frio, né.

**ELEONORA MENICUCCI:** Eu sentia muito frio, não era período de frio, porque final de ano não é, mas eu lembrava que era muito frio porque a sala era muito insípida, era uma sala muito... Não tinha nada, só tinha um pau de arara estilizado, o quê que é o pau de arara estilizado? É essa mesa, mais uma outra e um pau aqui. Mas não é essa mesa, é a mesa virada assim, para ela ficar mais alta. Então tinha um pau amarrado, uma barra de ferro, onde você era pendurado igual frango. E isso várias vezes eu fui torturada dessa forma. Nua, amarrada, o pau passava nas pernas, amarra a mão pra trás assim, e você tomava choque em tudo quanto é lugar de buraco, de orifício que você tem no corpo.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** E aí isso era noite do dia 31?

**ELEONORA MENICUCCI:** É.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** E você acordou no dia primeiro, né.

**ELEONORA MENICUCCI:** Foi.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** E ficou mais dias lá?

**ELEONORA MENICUCCI:** Não, eu acho que dia 3 ou 4 eu tava de volta. E era férias, não tinha nem como prestar depoimento para.... Eles diziam que era um depoimento que eu tinha que prestar na auditoria. Mas o da auditoria foi depois. E foi bem depois, foi quando volta das férias, né, entre a, não sei se era fevereiro ou março, ou abril. Ah, e depois eu voltei para o julgamento. Foram três vezes. Essa, depois uma para o depoimento oficial, né, assim, na auditoria, e depois para o julgamento.

**MARIA CÉRES:** Você esteve presa em Linhares...

**ELEONORA MENICUCCI:** Não. Não.

**MARIA CÉRES:** Só no quartel?

**ELEONORA MENICUCCI:** Só no quartel. Nunca vi Linhares. Nunca cheguei em Linhares e depois também nunca fui conhecer Linhares. Eu fui presa aqui em Belo Horizonte no DOPS, nesse DI e no quartel de Juiz de Fora. Que eu não tenho outra passagem por nenhum presídio, Linhares não. Eu conheço Linhares, claro, das companheiras falarem e tudo, mas eu nunca estive lá, não.

**MARIA CÉRES:** Tudo bem? Você gostaria de falar mais alguma coisa? Queria contar mais alguma coisa?

**ELEONORA MENICUCCI:** Não, acho que eu falei tudo, né, acho que foi bem detalhada e dei uma... Bem detalhada, não sei se vocês...

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Muito bom.

**ELEONORA MENICUCCI:** Heim?

**MARIA CÉRES:** Mas, assim, não tem mais perguntas.

**ELEONORA MENICUCCI:** Não, só quero terminar dizendo que hoje eu continuo militando, né, eu faço parte da frente da resistência ao golpe parlamentar que se instaurou em 2016, né, tirando a presidenta eleita, a Dilma Roussef. Estou acompanhando-a constantemente, e estou na universidade, estou também na assessoria da secretaria nacional de mulheres da CUT Nacional, né, e sou, sempre fui... Eu só queria reportar isso para dizer nisso, eu descobri o feminismo na tortura. Eu acho que isso é muito importante. E como que foi isso? Porque todas as ameaças, todas as ameaças de tortura da minha filha eram em cima de mim, e não em cima do pai dela. E todas as torturas que eu sofri e que todas as minhas companheiras, de diferentes tendências, de diferentes partidos, sofreram, tinha a ver com o fato de ser mulher. "Mas como você, mulher, está aqui. Você..." Uma desqualificação por um lado,

e uma, um este: “Quero ver se você tem força para aguentar, quero ver se você...” Vários diziam para mim: “Quero ver se você é homem!”, eu falei: “Homem eu não sou!”, né. Então a tortura é uma tortura. Existiu, sim. Eu tenho vários textos escritos, várias falas minhas, existiu, sim, uma diferença de gênero na tortura! A tortura para homens e a tortura para mulher, podia ser a mesma, enfiar o estupro anal, enfiar o pau de vassoura com choque, com fio na vagina da mulher e no ânus do homem, mas na vagina da mulher provocava um orgasmo neles. E eu, como mãe, jovem mãe presa, eu senti no corpo essa dor da ameaça e da tortura da minha filha e do medo, do pavor que eu tinha dela ser morta, né, e em momento algum eles fizeram isso na frente do pai dela. Então, a construção cultural da mulher, mãe, fraca, tudo, refletia na tortura. E era uma coisa muito violenta com as mulheres. Quando eles pegavam nos mamilos da gente e torcia, e queimava, era de um orgasmo absoluto que eles tinham também, então eu não posso deixar de fazer esse depoimento, da perspectiva feminista, da perspectiva do olhar de gênero, como eles torturavam a mulher e como eles torturavam o homem. E em momento nenhum da minha vida eu disse que nós fomos mais torturadas que os homens, mas eu disse da diferença. Da diferença, porque a construção cultural de que a mulher é fraca, principalmente as mães, e que as mulheres que foram para a guerrilha, para a militância, para a prisão, eram putas no sentido do que eles entendem por puta, porque eu tenho o maior respeito pelas putas, eu acho que é um trabalho, é uma profissão, mas, assim, para eles não, que nós estávamos disponíveis, e várias, como a mineira Inês Etiene foi violentada sexualmente, e eu era amiga íntima da Inês Etiene. Foi estuprada na casa de Petrópolis. E outras tantas foram também. Eu não fui estuprada vaginalmente, mas eu fui estuprada com pau de vassoura nela, com fio elétrico na vagina. Então, quer dizer, na perspectiva... E eu saí muito indignada. Quando eu já cheguei no presídio Tiradentes, é a minha primeira questão ali era “gente, vamos falar sobre isso”, e nós falamos. E era comum essa história entre as mulheres. Então eu digo que eu me tornei feminista ali. Saí da cadeia, vim para Belo Horizonte, fiquei três anos aqui, qual foi o primeiro grupo que eu procurei aqui? Foi um grupo de mulheres lésbicas aqui, que me deu um acolhimento para eu falar essas coisas. Eu nem sabia que elas eram lésbicas, que não eram, mas, assim, eram feminista que tinha aqui, pequeno, né. E depois, vai, que aqui, vem cá, teve a Celina Albano, teve a Valéria, teve não sei o quê, aí a gente vai ampliando, né, a Magda, enfim. Mas isso é muito forte, isso tem que ser contado. Eu várias vezes já falei e já escrevi sobre isso. Então eu milito no feminismo,

eu acho que o feminismo é extremamente importante e digo que, hoje, a resistência ao golpe de 16 tem tido um protagonismo enorme e prioritário das mulheres e jovens. E não há dúvida nenhuma que nós, mulheres, teremos, temos e teremos um papel muito grande no resgate para a democracia no nosso país. Não sei quando, mas que seja rápido, porque, como disse o Chico Buarque em um ato no Rio, ainda no afastamento da Dilma, que ele disse: “De novo, não!”, quer dizer, golpe, de novo, não! Então tivemos o golpe, consolida o golpe com a implementação das políticas mais cruéis, neoliberais e violentas sobre os trabalhadores e as trabalhadoras, as mulheres trabalhadoras, e nós estamos, eu acho que sociedade tá bastante apática, no sentido, assim, amedrontada, então... Eu estou lendo o livro que saiu agora, do Wanderley Guilherme, “A democracia impedida”, e ele tem um capítulo, eu entrei nesse capítulo, que é a diferença do golpe de 64 para 16. Os dois foram parlamentares, os dois foram midiáticos, os dois foram judiciários. Um teve bota, teve tortura, teve assassinato, teve... E o de agora não teve isso, mas tem a palavra, tem aquela questão da lei que destrói as pessoas e aí a reconstrução. Então, essa hoje, esse hoje é um momento que eu estou e que nós estamos no Brasil e eu tenho certeza que quem sobreviveu a 64, 68, tem muito a contribuir com... Redefinir, redesenhar a palavra “esperança” no sentido de esperar, agir, fazer, né, porque a juventude que está aí está mostrando que, a juventude em todos os momentos da vida, ela é muito forte, é muito ousada, né. E nós precisamos estarmos jovens sempre, que nem o Raul Seixas dizia, para poder enfrentar tudo isso que está aí, que nem o Chico Buarque: “de novo, não!”

**MARIA CÉRES:** Tá bom. Muito obrigada.

**ELEONORA MENICUCCI:** Eu que agradeço, muito mesmo.

**MARIA CÉRES:** Muito obrigada. Chama o pessoal lá para desligar...

**ELEONORA MENICUCCI:** Só bebendo uma água...